

Editora Zain



# A senhora Pylinska e o segredo de Chopin

Éric-Emmanuel Schmitt

TRADUÇÃO

Mariana Delfini

ILUSTRAÇÕES

Carolina Moraes Santana

**zain**

© Édition Albin Michel, 2018

© Editora Zain, 2025

Todos os direitos desta edição reservados à Zain.

Título original: *Madame Pylinska et le secret de Chopin*

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor em 2009.

**EDITOR RESPONSÁVEL**

Matthias Zain

**PROJETO GRÁFICO DE CAPA E MIOLO**

Julio Abreu

**ILUSTRAÇÕES DE CAPA E MIOLO**

Carolina Moraes Santana

**PREPARAÇÃO**

Cristina Yamazaki

**REVISÃO**

Marina Saraiva

Juliana Cury | Algo Novo Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Schmitt, Éric-Emmanuel

A senhora Pylinska e o segredo de Chopin / Éric-Emmanuel Schmitt ; tradução Mariana Delfini. — 1ª ed. — Belo Horizonte, MG : Zain, 2025.

Título original: *Madame Pylinska et le secret de Chopin*

ISBN 978-65-85603-17-1

1. Romance francês I. Título.

24-240309

CDD-843

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura francesa 843

Aline Grazielle Benitez — Bibliotecária — CRB-1/3129

**Zain**

R. São Paulo, 1665, sl. 304 — Lourdes

30170-132 — Belo Horizonte, MG

www.editorazain.com.br

contato@editorazain.com.br

instagram.com/editorazain

# Sumário

A senhora Pylinska e o segredo de Chopin	7
Posfácio	87



# A senhora Pylinska e o segredo de Chopin



Na casa da minha infância morava um intruso. Todo mundo que olhava de fora pensava que a família Schmitt tinha quatro membros — um pai e uma mãe, duas crianças —, mas éramos em cinco no nosso lar. O intruso ocupava permanentemente a sala; lá dormia e lá permanecia em vigília, resmungão, imóvel, inconveniente.

Monopolizados por seus compromissos, os adultos o ignoravam, com exceção da minha mãe, que às vezes, incomodada, intervinha de algum modo para garantir a limpeza dele. Só minha irmã tinha uma relação com o infeliz, despertando-o todo dia por volta do meio-dia, ao que ele reagia sonoramente. Já eu o odiava: os roncos, o ar lúgubre, o porte austero, o aspecto reservado me afastavam dele. De noite, encolhido na cama, eu costumava rezar para que ele fosse embora.

Desde quando morava conosco? Eu me lembrava dele ali desde sempre, incrustado. Escuro, atarracado, obeso, coberto de manchas, o marfim dos dentes amarelado, ele ia do mutismo dissimulado para o franco escarcéu. Quando minha irmã mais velha passava algum tempo com ele, eu corria para me esconder no quarto e, lá, tapando os ouvidos

com as mãos, cantarolava alguma coisa para não escutar a conversa deles.

Assim que entrava na sala, contornando-o cheio de suspeitas, eu lhe lançava um olhar intimidador para que ele ficasse em seu lugar e entendesse que nunca seríamos amigos; ele fingia não perceber. Nós nos evitávamos com tanta determinação que nosso conflito criava um clima pesado. À noite ele escutava nossas conversas sem tecer nenhum comentário, o que exasperava somente a mim, de tão acostumados que meus pais estavam com aquela presença obtusa.

O intruso se chamava Schiedmayer e era um piano de armário. Nossa família repassava esse parasita de uma pessoa para outra havia três gerações.

Com a desculpa de estudar música, minha irmã o perturbava todo dia. Ou era o contrário... Desse móvel de nogueira não saía nenhuma melodia, e sim marteladas, cacofonias, rangidos, escalas desdentadas, arfadas, ritmos mancos, acordes dissonantes; entre uma peça e outra — *Dernier soupir*, por exemplo, ou a *Marcha turca* —, uma tortura em particular me provocava receio, à qual minha irmã dava o título de *Carta para Elise*, criada por um algoz chamado Beethoven, e que furava meus tímpanos como a maquininha do dentista.

Certo domingo, na festa do meu aniversário de nove anos, tia Aimée, loira, feminina, sedosa, maquiada, exalando íris e lírio-do-vale, se dirigiu ao ogro adormecido.

“O piano é seu, Éric?”

“De jeito nenhum”, respondi.

“Quem que toca? Florence?”

“Diz ela que sim”, resmunguei, com uma careta.

“Florence! Venha tocar alguma coisa pra gente.”

“Não sei tocar nada”, gemeu minha irmã, cuja lucidez admirei pela primeira vez.

Aimée esfregou o queixo, enfeitado por uma covinha linda, ponderando sobre algo impensável.

“Vamos ver...”

Eu ri — a expressão “vamos ver” sempre me divertiu, ainda mais porque minha mãe sempre dizia “Vamos ver, disse o cego”.

Indiferente ao meu ataque de riso, Aimée levantou a tampa de madeira do teclado com delicadeza, como se abrisse a jaula de um grande felino, percorreu as teclas com os olhos, tocou-as com seus dedos finos, que retirou repentinamente quando o som de um rugido atravessou o cômodo: o felino se levantou, ameaçador.

Pacientemente, tia Aimée retomou então a cautela ao se aproximar. Com a mão esquerda acariciou o teclado. O animal emitiu um som delicado; milagre, ele não estava tripudiando, aparentava quase gentileza. Aimée tocou um arpejo; receptivo, o grosseirão ronronou; ele estava cedendo, ela o estava domesticando.

Satisfeita, Aimée suspendeu o gesto, mediu de cima o tigre que ela transformara em gato, sentou-se na banquetta e, confiante tanto em si quanto no bicho, começou a tocar.

No meio da sala ensolarada surgiu um novo mundo, um lugar remoto e luminoso que flutuava em camadas, pacífico, secreto, ondulante, que nos paralisava e prendia nossa atenção. Atenção a quê, não sei. Algo extraordinário tinha acabado de acontecer, a eflorescência de um universo paralelo, a epifania de um modo diferente de existir, denso e etéreo, rico e volátil, débil e forte, o qual, ainda que se mostrasse, conservava a profundidade de um mistério.

No silêncio carregado do nosso deslumbramento, tia Aimée contemplou o teclado, sorriu para ele como se lhe agradecesse, depois levantou o rosto para nós, as pálpebras mal contendo as lágrimas.

Desconcertada, minha irmã lançava um olhar sombrio para o Schiedmayer, que nunca lhe havia dado a honra de soar daquela maneira. Meus pais se olhavam, escandalizados com o charme que exibia aquele baú escuro e barrigudo, encostado durante um século. Já eu esfregava meu antebraço, cujos pelos tinham se eriçado, e perguntei à tia Aimée:

“O que foi isso?”

“Chopin, é claro.”

Naquela mesma noite, insisti para tomar aulas, e uma semana depois comecei a aprender piano.

Tendo percebido como sua cumplicidade com tia Aimée havia me desmontado, o Schiedmayer exibiu um triunfo indulgente: esqueceu minha hostilidade

anterior e se dobrou às minhas escalas, arpejos, oitavas, exercícios de Czerny. Depois que conquistei tais laboriosos rudimentos, a sra. Vo Than Loc, minha professora, me introduziu a Couperin, Bach, Hummel, Mozart, Beethoven, Schumann, Debussy... Complacente, o baú realizava minhas demandas e atendia de boa vontade a meus desejos. Estávamos em vias de gostar um do outro.

Por volta dos dezesseis anos, exigi adentrar em Chopin. Eu não tinha escolhido o piano para desvendar seu enigma? Minha professora selecionou uma valsa, um prelúdio, um noturno, e estremei diante da ideia de passar pela maior iniciação.

Que infelicidade. Ainda que eu desenvolvesse minha destreza com os dedos, dominasse as páginas árduas, decorasse as peças, respeitasse os tempos, nunca voltei a encontrar a emoção da primeira vez, aquele lugar remoto e voluptuoso tecido pela seda dos sons, pelo afago dos acordes, pela limpidez da melodia. O piano obedecia ao estímulo dos meus dedos, mas não aos meus sonhos nem às minhas lembranças. O milagre não aconteceu. Suave, claro, frágil e emocionante sob os dedos de Aimée, sob os meus o instrumento soava viril e trivial. O problema era ele? Era eu? Minha professora? Algo me escapava. Chopin fugia de mim.

Meus estudos de literatura exigiram minha energia; depois, meus vinte anos me obrigaram a deixar Lyon, minha família e o Schiedmayer, para vir a Paris e frequentar a Escola Normal Superior, em cujo

vestibular eu havia passado. Aqui, tendo escapado do convento que era a escola, estava enfim livre para sair, dançar, beber, paquerar, fazer amor — eu me dispersava com alegria e me exauria tanto de prazer quanto de estudar. Quando passei a controlar melhor minha agenda, procurei um professor que me ajudasse a resolver o caso Chopin. Estava obcecado com isso. Sentia falta da luz, da paz, da ternura dele. A marca que ele havia deixado em mim, numa tarde de primavera dos meus nove anos, se alternava entre um vestígio e uma ferida. Mesmo jovem, eu já experimentava a nostalgia; precisava extrair seu segredo.

Após um levantamento com meus colegas parisienses, uma pessoa me parecia apropriada, uma tal de sra. Pylinska, aureolada por uma reputação excelente, polonesa emigrada em Paris, que dava aulas no 13<sup>a</sup> *arrondissement*.

“Alô?”

“Olá, gostaria de falar com a senhora Pylinska.”

“É ela.”

“Pois bem: me chamo Éric-Emmanuel Schmitt, tenho vinte anos, estudo filosofia na Rue d’Ulm e gostaria de continuar meus estudos de piano.”

“Para quê? Fazer carreira de pianista?”

“Não, só para tocar bem.”

“Quanto tempo você tem para se dedicar?”

“Uma hora por dia. Uma hora e meia.”

“Você nunca vai tocar bem!”

Ouço um zumbido. Ela tinha desligado o telefone? Sem poder acreditar numa grosseria tal, disquei o número novamente. A sra. Pylinska aguardava meu telefonema, pois assim que atendeu, sem antes verificar quem estava na linha, vociferou:

“Que bela de uma presunção! Alguém se torna primeira bailarina praticando uma hora por dia? Ou médico? Ou arquiteto? E você, meu senhor, por acaso ingressou na sua prestigiosa faculdade estudando uma hora por dia?”

“Não...”

“Você ofende os pianistas desejando praticar nessas péssimas condições! Você nos ultraja. Me sinto pessoalmente menosprezada, insultada, injuriada, porque, veja bem, eu mesma pratico há quarenta anos, de seis a dez horas por dia, e segundo minha avaliação ainda não toco bem.”

“Peço desculpas pela minha falta de tato. Não quero tocar *bem*, senhora, quero apenas tocar *melhor*. Não vou desistir de Chopin.”

Seguiu-se uma calmaria cheia de hesitações. Num tom mais tranquilo, a sra. Pylinska resmungou:

“Chopin?”

O ar se encheu de uma boa vontade palpável. Aproveitei essa trégua:

“Comecei a estudar piano para tocar Chopin e não consigo. Os outros compositores eu talvez maltrate, mas eles sobrevivem, enquanto Chopin... Chopin... ele resiste a mim.”

“Mas é claro!”

O comentário dela havia escapado, ela já estava arrependida. Insisti:

“O piano é para mim como uma lente para ler a música. Eu decifro. Mas Chopin me seduz, e com ele... com ele eu executo as notas, faço as passagens, mantenho o tempo, mas...”

Escutei-a folheando páginas.

“Sábado, às onze horas, na minha casa. Pode ser?”

À entrada do prédio, a sra. Pylinska, cinquenta anos, um lenço de seda enrolado justo e com rigor em volta do cabelo, enquadrando seus traços marcantes, me examina da cabeça aos pés, sobrancelhas arqueadas, boca torcida, como se eu fosse um erro.

“Corpulento demais”, concluiu.

“Corpulento demais para quê?”

Dando de ombros, ela sacou uma piteira, segurou o cotovelo esquerdo com a mão direita e aproximou o bocal dos lábios.

“A fumaça lhe incomoda?”

Sem esperar minha resposta, enfiou-se no apartamento, convencida de que eu a seguia.

Depois de atravessar um corredor obscuro, obstruído por três gatos que me ajuizaram com desprezo, cheguei à sala de música, entulhada por inúmeras mesas baixas, sobre as quais se empilhavam as partituras. O ar exalava cheiro de rosas e de tabaco escuro.

“Deite-se debaixo do piano.”